

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E CRÍTICA

DR. EURICO BACK E DR. GERALDO MATTOS — **LINGÜÍSTICA CONSTRUTURAL** — separata do Anuário "Humanitas", n.º 11, 1968, da p. 45 à 75, da Fac. de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná.

A obra em apreço tem por autores dois estudiosos da lingüística moderna, a qual se dedica, como especialidade, aos problemas sincrônicos. Para esta publicação, que merece de nossa parte francos encômios, dados os conhecimentos e a seriedade com que se apresenta, a tarefa foi assim repartida: **pesquisa** — ambos os autores, e **redação** — dr. Eurico Back. Ambos são docentes-livres de nossa Faculdade de Filosofia: Eurico Back, de Lingüística, e Geraldo Mattos, de Português, e estão igualmente à frente dessas disciplinas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná.

O prof. Eurico Back, além de valiosos estudos no anuário "Humanitas", é o autor de **Fonêmica Diacrônica Latino-Portuguêsa** (tese), Curitiba, 1964, **Análise Estrutural**, Curitiba, 1967, **Roteiro de Redação Oficial** (Publicação do Departamento Estadual do Serviço Público), Editória F. T. D., S.A., S. Paulo, s/d. E ao prof. Geraldo Mattos pertencem, entre várias colaborações lingüísticas, o **Cancioneiro do Clérigo Ayras Nunes** (tese) Curitiba, 1962, **Técnica de Análise Sintática**, Curitiba, 1966, **Curso de Língua Atual**, obra didática, e, recentemente, **Estilística da Língua Portuguesa — Escola Construtural**, Edição da Sociedade Paranaense de Estudos de Língua e Literatura, Curitiba, 1969.

A **Lingüística Construtural**, obra de colaboração, pretende descrever científicamente as línguas (p. 45) de modo

global (1), que é mais do que o referente a estruturas, por isto a denominação de **construtural**, novidade.

A obra não é muito clara, talvez por apresentar-se demasiadamente resumida. Parece reservada aos especialistas, pois achamos improvável que tenha êxito satisfatório entre os principiantes, embora defina os termos técnicos, vários dos quais com nova conceituação. Ela deveria ser aclarada, a cada passo, com exemplos, que os há, mas poucos.

Na Conclusão (p. 74-75), "o que distingue, dizem os AA., o que distingue a Lingüística Construtural de outras correntes da Lingüística Moderna" é o seguinte: I. "A conceituação nítida de estilo e Estilística". II. "A inclusão dos estudos estilísticos, dos estudos semânticos, dos estudos fonéticos e do léxico na Lingüística". III. "O estudo dos significantes (lexicais e acústicos) sem embaralhar com a Semântica e sem apelar para o significado, por anticientífico". IV. "O aproveitamento racional dos conceitos de sistema e norma (estabelecidos por outros lingüistas) na Lingüística Sincrônica e Diacrônica". V. "O reconhecimento dos fatores prosódicos em qualquer nível da série sonora e a consequente inclusão da sílaba e do seu alinhamento, nos estudos da Lingüística". VI. "O conceito de unidade (acústica e lexical), colocando morfema e vocabulário nos seus devidos lugares". VII. "A conceituação de Lingüística Diacrônica, de evolução fonológica, de evolução vocabular". VIII. "O conceito de

(1) "É indispensável que se levem em conta todos os dados e que a descrição seja adequada a todos os elementos que estão em jogo. Não basta dizer a verdade; é preciso dizer toda a verdade" (p. 45).

construtura e o reconhecimento dos diversos tipos de articulações (coesão, alinhamento, arranjo), e por conseguinte, a delimitação dos diversos níveis". IX. "O tratamento uniforme e coerente de todos os fatos lingüísticos, sobretudo c análise do período".

Não são novidades alguns desses princípios. À definição de Estilística perguntamos: Tudo isso para quê? Esta pergunta não teria cabimento se a finalidade da linguagem fosse tão só comunicação (p. 45).

Reconhecendo que há quem exclua da Lingüística os estudos estilísticos, e sem razão, somos, com os AA., pela sua inclusão, por mais de um respeito. Por outro lado, incluir nela os estudos se mânticos, os estudos fonéticos e o léxico é redundância. Tais estudos são membros notos da Lingüística.

Apresentar os fatos fundamentais da linguagem humana "sem compromisso com as correntes atuais da Lingüística ou as nomenclaturas existentes" é atitude de que se explica tão só pelas dificuldades que se têm, mormente no Brasil, em estar a par de todas as novidades. Haja vista, p. ex., às transformações das gramáticas transformacionais! Mas seria de proveito, mormente para os principiantes (e incluídos, no Brasil, muitos professores de Lingüística) que, pelo menos, se comparassem as principais correntes com suas técnicas descritivas. Lembra-me, a propósito, que um dos grandes movimentos que se opuseram ao neogrammaticismo, foi a neolinguística. Pois bem; ao publicar-se, em 1925, o **Breviario di Neolinguistica** (princípios gerais por G. Bertoni, e critérios técnicos por M. G. Bártoni) não deixaram os AA. de reservar um apêndice com este título: "Le differenze essenziali tra il metodo neolinguistico e il neogrammatico". No mesmo ano, Bártoni publicava o **Introduzione alla Neolinguistica (Principi, scopi, metodi)**, e um capítulo bem desenvolvido tratou das diferenças entre as duas escolas.

Quanto à nomenclatura, devemos chamar a atenção dos colegas construturalistas para a **Léxica**, "estudo dos significantes". Não foram felizes, não tanto porque o termo e seus cognatos já têm internacionalmente um âmbito consagrado, mas principalmente porque o adjetivo dêle decorrente — **lexical** —

criou a redundância **significante lexical** (p. ex., na p. 54).

A leitura da obra nos convidou ainda a mais algumas observações:

Na p. 45: Melhor que "muitos sistemas de comunicação são apenas substitutos da linguagem" seria "todos..."; é óbvio, com exclusão da música, da pintura.

P. 46: "A linguagem, em nosso trabalho, será linguagem vocal". Nada obstante, há freqüentes preocupações com a linguagem escrita.

"**Nossa afirmação** (2) de que a linguagem é um diálogo..."

E' da natureza primordial da linguagem o diálogo, decorrente da finalidade dela, e tal foi reconhecido pela mais remota antiguidade.

P. 46: "A Lingüística... não se preocupa em estudar as relações entre os sinais... e os objetos". Então como se explica a objetologia, a geolinguística e a neo-etiologia?

P. 47: "Os organismos (o emissor e o receptor) são entes extralingüísticos e não são estudados pela Lingüística, nem as suas reações extralingüísticas..."

Como conciliar esta afirmação com a que diz "sendo um elemento da cultura, precisa retratar toda a cultura, inclusive a si mesma" (p. 47), e o conceito de idílio-let e de norma obriga a tomar em consideração o indivíduo e o grupo social extralingüisticamente, pois "como a cultura varia de época a época, de região a região, de classe social a classe social, necessariamente variam também os elementos de idioma a idioma, de região a região, de classe social a classe social".

"A soma de conhecimentos varia de pessoa a pessoa: portanto o idioma varia também de indivíduo a indivíduo". (P. 47-48).

P. 48: A lingüística diacrônica não é sómente "o estudo comparativo de línguas de pelo menos dois momentos sucessivos". Não é exclusivamente "a comparação entre duas sincronias, quando a segunda língua é o resultado da evolução da primeira". É, sim, também o que a lingüística tradicional chama **comparação interna ou reconstrução interna** ou, ainda, **filiação** (parentesco reto). A lingüística diacrônica pode ser também

(2) O grifado é nosso.

referente a duas ou mais línguas aparentadas colateralmente, isto é, tradicionalmente, **comparação externa** ou simplesmente **comparação**, "stricto sensu".

Ademais, a lingüística sincrônica pode ser também comparativa, visto que podem ser cotejadas duas ou mais línguas de um determinado momento, quer aparentadas, quer não aparentadas. Não basta, portanto, **lingüística comparada**, mas distinguir **lingüística comparada diacrônica** e **lingüística comparada sincrônica**.

P. 52: "As línguas podem possuir sinônimos e homônimos".

Seja qual fôr o conceito de **sinônimo** e **homônimo**, é isto realidade em tôdas as línguas. Um estudo especializado de S. Ullmann não os nega, apesar das suas restrições conceptuais (3).

Na p. 56, os AA. não tomaram em consideração as vogais que podem formar uma sílaba, isto é, p. ex., vogal tonica e vogal átona, ou, em outras palavras, vogal e semivogal.

P. 68: "A ausência de um significante pode ser um sinal". Perante isto, como resolvem os AA. o relacionamento com o **sinal**, uma vez que este é a soma ou união do significante com o significado (p. 46)? A solução só pode ser esta: A ausência de um significante pode ser um significado. E a propósito, convém lembrar o inverso, isto é, pode haver sinais desprovidos de significado (assémia, estoglossia).

Parece que há um cochilo tipográfico ou símile na p. 69, 3.ª linha: **mar** = e — **es**.

Na p. 73 a definição de **lingüística diacrônica** não concorda com a definição dada à p. 71. Naquela página, o que se definiu, é **diacronia**. Não é, pois, exatamente o mesmo que **lingüística diacrônica**.

Na p. 75, a afirmação — "o estilo é a língua praticada" — parece que não se harmoniza com a afirmação da p. 61 — "Quando um elemento do estilo fôr adotado pela maioria, passa imediatamente à língua: realizou-se uma evolução lingüística".

E aqui nos detemos, deixando de lado pontículos de "lana caprina"...

Fazemos votos tenhamos, dentro em breve, outra edição, verdadeiro brevíario

ou vademeco, ampliado, bem ilustrado, para que, obedecendo aos seus princípios, possa oferecer "uma técnica segura para a análise e a descrição científica de línguas".

Não queremos encerrar as linhas sem antes dar parabéns aos AA., especialmente ao dr. Eurico Back, nosso ex-aluno na Faculdade Federal, que em boa hora enveredou pelos caminhos da nova lingüística, que está avassalando o mundo científico das Létras, o que honra sobremaneira as nossas Faculdades.

R. F. Mansur Guérios.

* * *

ANTENOR NASCENTES — DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS — Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa, Livros de Portugal, 384 pp., Rio, 1969.

O infatigável e admirando mestre que é Antenor Nascentes, acaba de nos brindar com mais um dicionário, agora com o **Dicionário de Sinônimos**, 2.ª edição, revisada e com acréscimos.

Lingüista de atividades multifôrmas, Nascentes está dando agora os últimos retoques tipográficos ao **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** — 3.ª parte — **Exotismos**, consoante carta que nos dirigi em outubro, e nela ainda nos anuncia estar no prelo **A Gíria Brasileira**, 2.ª edição, cuja 1.ª há muito se acha esgotada.

Na Introdução, em breves e precisas palavras, faz o A. valiosas considerações acerca da sinônímia. Se alguma restrição é possível, ela diz respeito ao relacionamento com a etimologia para fazer valer a sua significação. É verdade que isto dirime certas dúvidas, mas nem sempre é recurso aconselhável, pois é sabido que há mudanças nos sentidos através dos tempos.

O problema dos sinônimos parece que se baseia primordialmente na existência ou não de equações semânticas perfeitas. O prot. Nascentes admite-a, mas condicionada a áreas geográficas e sociais, isto é, numa região e em outra, numa camada social e em outra.

Ademais, o sentido de uma palavra deve ser deduzido do contexto ou da situação ou de ambos simultaneamente,

(3) *Semantic Universals "in" Universals of Language*, Cambridge, Mass., 1963, p. 182 e p. 186.

e não isoladamente. Desde que haja possibilidade de substituir uma palavra por outra, sem mudança da significação objetiva e do valor afetivo, ambas as palavras são verdadeiros sinônimos. Contudo, na maioria dos casos, é impossível a permuta em todos os aspectos. Há diferenças causadas pelo falante e pelas circunstâncias já citadas (meio geográfico e meio social), e mesmo pela natureza fônica dos vocábulos, que pode contribuir para a emotividade. Entre os termos técnicos, sim, há perfeita sinonímia.

Não se deve, portanto, definir os sinônimos como duas ou mais palavras diferentes na forma e com o mesmo sentido, mas como duas ou mais expressões que formam equação semântica aproximada. E por expressão entender-se à palavra ou locução ou enunciado (frase), admitindo o conceito amplo de sinônimo, o qual não é só o de correspondência de classe gramatical, mas também de equivalência contextual.

Registremos ainda que há sinônimos momentâneos, ocasionais, que, podendo até ser absurdos, são, todavia, compreendidos intuitivamente, graças ao contexto, à situação ou a qualquer fator (adivinhação, transmissão do pensamento, etc.). P. ex., necessitando alguém de uma caneta, pede a outro, no entanto, por qualquer motivo, um canivete, uma vassoura... É claro que isso é verificável seriamente, inconscientemente, na linguagem oral, e, conscientemente, com propósito humorístico ou burlesco tanto na oral como na escrita.

O Dicionário de Sinônimos que se anuncia nestas linhas, é rico de verbetes, rico de sinônimos, rico de informações. Freqüentemente se comparam expressões do Brasil com expressões de Portugal. Quando a sinonímia se reparte entre expressões brasileiras, são designadas as regiões ou os Estados. A sua riqueza ainda se reflete nos sinônimos da fauna e da flora, o que não tem vez em nenhuma obra símile. Seja exemplo da primeira *cugar*, *cuguardo*, *leão-das-américas*, *onça parda*, *onça vermelha*, *puma*, *suguarana*, isto é, "mamífero da família Felidae (*Felis concolor*)", e a informação: "O quarto, o quinto e o sétimo é que são os nomes vulgares". Acrescentemos *onça ruiva*.

Seja exemplo da segunda *flor-da-noite*, *flor-do-baile*, *princesa-da-noite*,

rainha-da-noite, *rainha-do-baile*, isto é, "planta da família Cactaceae (*Selenicereus pieranthus*)".

Algumas notas, contudo, cabem a certos verbetes: *Açougue*, pelo que se deduz de Moraes, era também "mercado". Em *abissínio*, *etiope* juntar *abexim*. *Anúncio* é também "reclame, propaganda". *Anágua* é igualmente do Sul do Brasil, pelo menos do Paraná. *Bolchevique* (e *bolchevista*) usa-se também como sinônimo de *comunista*. Foi separado o que devia estar num só verbete, isto é, *assoprador*, *bôto*, *bôto branco*, de um lado, e de outro *bôto* (de água doce), *peixe-porco*. Anexar *meigueira* (Portugal) a *bruxa*, *feiticeira*, *manga*. A *cacoete*, *sestro*, *apor tique*. Temos *lido*, e freqüentemente, *capixaba* (espírito-santense) sem qualquer traço de jocosidade. *Casaco* também usa a mulher. No tempo em que fomos comerciante, em Curitiba, poucas vezes ouvimos *conhecimento*; mais freqüentemente *guia*. No comércio, distingue-se a *cinta*, que é para homem, e o *cinto* para mulher. Em *comunhão*, *eucaristia*, acrescentar *Santíssimo Sacramento*, *Santíssima*, *Santíssima Eucaristia*, *Sacramento do Amor*, *Pão dos Anjos*. Em *gatuno*, *ladrão*, *larápio*, *ratoneiro* juntar *gato*, *rato*, *amigo-do-alheio*. Acrescentar *zinha* a *garota*, *namorada*, *pequena*. Ao lado de *gará*, *lôbo*, juntar *aguará*, como ao lado de *inambu*, *nambu*, aponha-se *nhambu*, *inhambu* e *inambu*. Com o restabelecimento do Estado de Israel, a imprensa criou *israelense*, que é o cidadão atual, aí nascido ou naturalizado. A *leguleio*, *rábula* deve-se aditar *chicanheiro*, *chicanista*, *rabilista*, *pégas*. *Esparate* e *redoma* podem alinhar-se a *montra*, etc., assim como o aportuguesado *vitrina*. Parece que no Paraná é mais comum ou tradicional *nênê*. Está averbado *nênê* como brasileirismo na edição brasileira de Aulete. Juntar *experto* a *perito*, *versado*, e *gelosia* a *persiana*, *veneziana*. Conforme a doutrina católica, o *sacrilégio* é a "profanação das coisas santas ou consagradas a Deus, ou a violação ou mau trato de pessoas ou coisas sagradas, enquanto sagradas" (Pe. J. Lourenço, *Dic. da Doutrina Católica*).

Nem sempre os sinônimos são remetidos, para facilitar a consulta. Assim, p. ex., *mercearia* só se acha no verbete iniciado por *empório*, mas não na letra *M*; *sobrecarta* e *sobrescrito* estão em

envelope; fuzilar, que é mais conhecido, está, não obstante, no verbete iniciado por **espingardear**.

Tais são algumas notas despretensiosas que nos proporcionou o rápido perlustrar de suas páginas.

Além das riquezas acenadas nas primeiras linhas desta reclusão, o **Dicionário de Sinônimos** de Antenor Nascentes contém sinônima de nomes mitológicos e geográficos, de neologismos, de expressões não só populares, mas também de expressões gíricas, assim como de palavras invariáveis.

R. F. Mansur Guérios.

* * *

ANSELMO MAZURKIEWICZ — DICIONÁRIO DE TÉRMINOS PRÓRIOS E RELATIVOS — Editora Vozes Ltda., 730 pp., Petrópolis, 1968.

Trata-se de um dicionário especial de muito préstimo para quem quer que seja, desde o cientista até ao charadista ou a qualquer curioso. Serve para todas as atividades científicas e não menos para as atividades literárias. Sua estrutura "foi organizada de modo que atenda ao estudioso que busca a palavra para a idéia". E "o seu manuseio é tão fácil quanto o de dicionários comuns de verbetes ordenados alfabeticamente".

Trabalho dessa natureza, em riquíssima apresentação, encadernado com finíssimo gôsto, é digno de muitos encômios, quer por trazer definições (parecemos que obra dêsse gênero poderia dispensá-las, como fazem os dicionários analógicos), quer pelo conteúdo bem provido em títulos (p. ex., **bíblia, concílios ecumênicos, forma, inflamação, medicina, navio, teatro, tecido, vaso, vestuário**), quer pelas dificuldades de toda sorte, e dada a sua descomunal dimensão sob qualquer aspecto, é claro que vem repleto de falhas, as quais, todavia, devem ser toleradas. É evidente que não há dicionário completo, mas cada nova edição pode e deve ser ampliada.

Pelo que pudemos perlustrar, ainda que perfuntoriamente, eis alguns senões:

Não devia haver, assim pensamos, título, p. ex., para **água benta, aguilhão** (mesmo para remissão), **bucha, céu-dabôca, etc.**

Deviam ser postergadas as formas evidentemente estrangeiras, como **la-**

sagna (sob o título **alimento**), como **dikérion** (sob o título **liturgia**), etc. É claro que o A. deveria aportuguesá-las. Há, sim, **isanha**, e por que não **diquirô**?

De modo nenhum tem cabimento o título **neologismos**. Há uma quantidade de considerável de neologismos que lá não foram agasalhados, e, ademais, 1 outros, muitíssimos, que estão incluídos nos vários títulos.

No cabeçalho **adivinhação**, por que defini-la com negrito: "Suposta arte...", e por que dois títulos para o mesmo assunto?

S. v. **alimento** não consta **macarrão, nhoque, espaguete, talharim, massa, etc.** O que consta sob o título **maçonaria** é quase nada. Devia o A. incluir o cabeçalho genérico **passamanaria**, que, todavia, consta em **fita**. E anexar ali **grega, renda, guipura** (= **guipir**), **nhanduti**, etc.

Em **clero** estão ausentes **clero secular e clero regular**, assim como **religiosa, religiosa, substantivos, bispo auxiliar, bispo coadjutor, bispo residente, bispo titular, vigário episcopal**.

No título **carnaval** faltam **zé-pereira, serpentina, confete, bisnaga, lança-perfume, colombina, mascarado**.

Introduzir o título **cancro** e subtítulo em **câncer**.

Em **cócegas** falta **cafuné, em astrophonomia elongação, em música piano**. Em **cinema** devia haver remissão para **filme e em filme para cinema**.

Em **raça** falta **moçárabe, monogênes**. Em **povo** ou em **raça** incluir **etnia**. Em **país** remeter a **povo, índio**. Em **caminho** estão ausentes **rodovia, rodoviário, estrada de rodagem, auto-estrada, via**. Em **estrada de ferro** não foram considerados o **dormente, a sulipa**.

Em **fruto** a falta é sumamente enorme. A lista dos **índios** é grande, parece completa, mas não é. Por que o A. não definiu **rouxinol**?

O A. dá os cabeçalhos **Astronomia, Botânica, Geografia, etc.**, mas por que não **Língüística**, pois isto inclui a **língua e a gramática**.

Há definições que hoje se consideram erradas ou incompletas, e nisto não está "perfeitamente atualizado" o **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa**, que serviu de base principal ao Sr. Anselmo Mazurkiewicz. Para prová-los bastem as definições de **fonética, fonologia**,

haploglia, lingüística, locativo, morfologia, e, em som, fonema.

Na "Relação de algumas obras consultadas" parece-nos que um bom número delas poderia ser dispensado. Se fez uso do **Dicionário Litúrgico** de Fr. Básilio Röwer, por que não manuseou os vários léxicos especializados, como o **Dicionário Gramatical Port.** de Sílvio Elia (Ed. Globo), o **Dic. de Filologia e Gramática** de J. Mattoso Câmara, o **Dic. Musical** de Fr. Pedro Sinzig, o **Dic. de Biologia** de C. de Melo-Leitão, o **Dic. de Términos Médicos** de P. A. Pinto, o **Dic. de Belas Artes** de Regina M. Real, o **Peq. Vocabulário da Língua Filosófica** de A. Cuvillier, o **Dic. de Psicologia** de Henri Piéron, o **Dic. Econômico e Financeiro** de L. Sousa Gomes, o **Dicionário de Botânica** de J. Angelý, etc.

No rápido perlustrar da obra, não tivemos oportunidade de encontrar verbetes com os díplos > e <, os quais, segundo nos parece, não têm cabimento em dicionário dêste gênero.

Tudo o que acabamos de afirmar não é para menosprezar o trabalho ingente do A.; é leal colaboração, e repetimos o que disse dele o presidente da Academia Brasileira de Létras, Austregésilo de Ataíde: "Trata-se de um dicionário de grande utilidade". E acrescentamos que ele vai servir de modo especial para os lingüistas, principalmente pelo que tangue aos diversos campos semânticos.

R. F. Mansur Guérios.

* * *

GOEFFREY N. LEECH — ENGLISH IN ADVERTISING — A LINGUISTIC STUDY OF ADVERTISING IN GREAT BRITAIN — English Language Series, XIV, 210 pp., General Editor Randolph Quirk, Longmans, Londres, 1966.

É a segunda obra de uma série referente à língua inglesa, de autoria de G. N. Leech, leitor de Inglês no Colégio Universitário de Londres, onde é também secretário assistente do Centro de Pesquisas da Comunicação, e ainda especialista em Semântica. Seus estudos têm sido publicados em **Studia Neophilologica, A Review of English Literature e New Society**.

O livro que nos interessa aqui, é muito curioso não só pelo que trata — linguagem dos anúncios, da propaganda

comercial da Grã Bretanha, na atualidade — mas também pelo modo pelo qual trata, e sob todos os aspectos.

Não é uma obra exclusivamente para aqueles que já têm certa base de Lingüística; é, sim, também para o público em geral. Todavia, como diz o prefácio, "as an exercise in linguistic description, it obviously cannot entirely do without technical linguistic vocabulary; and some words and phrases necessarily been adopted as additional technical terms for the specific purpose of this analysis."

O inglês dos anúncios tem despertado a atenção de lingüistas há muitos anos, e a maioria dos trabalhos sobre o idioma inglês tem sustentado várias afirmações gerais acerca do assunto. Poucos especialistas têm, contudo, feito progressos, como é o caso do A., o qual, mediante sólido corpo de experiências e pesquisas, por vários anos, chegou a percutentes estudos respeitante à linguagem dos anúncios ou, melhor, da persuasão comercial principalmente através da televisão, e, mediante profundo conhecimento das atuais teorias lingüísticas, assinala o lugar competente dessas pesquisas dentro da Estilística geral.

O A. compara diferentes estilos de anúncios, assim como coteja a linguagem dos anúncios em geral com outras modalidades de inglês. Considera como traços típicos dos seus anúncios a limitação do repertório lingüístico e a sua repetição, estuda os desvios desse aspecto convencional. Além do mais, o A. considera a história da linguagem da propaganda comercial, dos anúncios, e dos expedientes poéticos e retóricos. A sim, a obra é importante contribuição para o estudo dos aspectos lingüísticos do estilo, não só para os que desejam ter conhecimento do inglês nesse campo de atividade, mas também para os que se interessam por outras suas modalidades.

Alguns conteúdos da obra:

Generalidades: Os anúncios interessam ao sociólogo, ao psicólogo, ao lingüista, assim como aos próprios propagandistas e aos demais profissionais.

Instrumental lingüístico (ortografia, vocabulário, gramática, fonologia, contexto, estrutura, etc.). O inglês dos anúncios e outras modalidades de inglês. Meios de transmissão, e linguagem de

acôrdo com os produtos ou artigos anunciados. Modalidades do inglês empregado na propaganda.

Há um capítulo reservado à história dos anúncios. Há influência norte-americana: "Outras características da linguagem propagandística moderna são ligadas particularmente a profissionais americanos".

Estilo dos anúncios. Recursos estilísticos.

Uma das páginas iniciais é reservada às variadíssimas firmas das quais foram solicitadas permissão para reproduzir os anúncios de jornais, revistas, rádio, televisão, etc.

A leitura desse livro original além de curiosa e divertida, é muito instrutiva.

R. F. Mansur Guérios.

GUILHERMINO CESAR, O EMBUÇADO DO ERVAL (MITO E POESIA DE PEDRO CANGA), Edições de FFCL do RGS, Pôrto Alegre, 1968, 1 vol. br., 12x18 mm, 120 pp.

Guilhermino Cesar, paciente e intelectual cultor da história da literatura do Rio Grande do Sul, quis dedicar um volume também ao "Capitão (ou Major?) Pedro Muniz Fagundes, cognominado Pedro Canga), o Embuçado do Erval. Um volume, digamos assim, de feitio "volante", mas nem por isso superficial, nem desprovido de séria e rica erudição, fruto de laboriosa pesquisa. Um perfil biográfico, literário e crítico, em que a figura do soldado-poeta Pedro Canga — quase um mito — é estudada com simpatia e valorizada literariamente.

Eis o índice do volume:

I — O Embuçado do Erval.

1. Trovador esquecido.
2. Pedro Canga e Cezimbra Jacques.

3. Afinal, o compilador.
4. Valorização tardia.

II — Sua obra.

1. Poesias atribuídas.
2. As emendas de Simões Lopes Neto.
3. O sistema estrófico.
4. Perícia no emprêgo dos "ady-nata".
5. Intemporalidade e artesanal.

III — O Homem e Sua Humanidade.

1. Claro-escuro biográfico.
2. Entre os "Guardas Nacionais briosos".

IV — Posfácio.

Biografia de Pedro Muniz Fagundes por Manuel da Costa Medeiros.

Bibliografia.

Luígi Castagnola

MIGUÉIS JOSÉ RODRIGUES — ONDE A NOITE SE ACABA — Lisboa, Estúdios Cor, 1968, 240 pp.

O conto, de algumas décadas para cá, vem sendo fôrma cultividíssima na Literatura Portuguêsa, por autores da maior expressão e é o caso, para apreciar alguns, de Branquinho da Fonseca, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Jo-

sé Régio, José Cardoso Pires, Manuel da Fonseca, Sophia de Mello Breyner Andersen, Fernanda Botelho, José Rodrigues Miguéis.

José Rodrigues Miguéis, autor de *Leah, Gente de Terceira Classe*, no tocante a contos e de vários romances: *Escola do Paraíso*, *Uma Aventura Inquietante*, entre outros, vê reeditado por Estúdios Cor sua obra *Onde a noite se acaba*.

Ó volume insere os seguintes contos e novelas: "Enigma", "Morte de Homem", "A mancha não se se apaga", "O chapelinho vermelho", "A linha invisível", "Cinzas de incêndio", "O acidente", "Beleza orgulhosa" e encerra-se com uma nota do autor.

A primeira impressão com que se sai destas narrativas é de estranheza da vida, causada por um mistério que ultrapassa de longe a compreensão que possam ter as personagens. Parece que algumas fôrças inponderáveis e incompreensíveis explicam ou antes complicam os "fatos" que ocorrem no decorrer dos contos. Por outro lado, um sentido poético, místico e trágico parecem presidir os momentos conflituosos únicos (e por isso são contos) que se revelam neste **Onde a noite se acaba**. É o que se evidencia em narrativas como "Morte de homem", "A mancha não se apaga" e "Enigma".

O mistério com que J. R. M. cerca sua narrativa, consciente ou inconscientemente da parte do autor, apresenta duas virtudes ou virtualidades: primeira, ao plano do conteúdo, por encerrar a verdade ao plano da narrativa e da vida (daí a verossimilhança), no concernente ao fantástico e à ficção; segundo, ao plano da técnica narrativa, porque constitui artifício validíssimo para atrair a atenção e manter os leitores em constante "suspense". Tudo isto leva a um aspecto facilmente verificável: os cenários ou melhor a atmosfera e a ação interessam mais que a própria personagem e por isso lembrando a classificação de contos proposta por Carl F. Grabo, podemos inseri-los num tipo: misto de atmosfera e emoção. Os mesmos contos que citamos acima ilustram bem a nossa afirmação. Nesta predominância do acidente, do acontecimento, da situação sobre a personagem, revela-se a maestria e de certo modo, a universalidade que o autor consegue conferir às suas narrativas. E é com a visão trágica e poética que J. R. M. coroa as situações criadas e fulmina os seus leitores.

Num certo sentido, os contos respiram um ar português, mas vez ou outra comparece a atmosfera mais ampla, refletindo um cosmopolitismo que evita a estreiteza de ambientação que pudesse diminuir o raio de ação do conto.

No tocante então ao enredo, à história, J. R. M. realmente consegue criar êstes momentos únicos, fundamentais e reveladores das personagens; mas também ao nível do "discurso" literário, opera-se a maior parte das funções literárias assinaladas por Roman Jacobson. Dentre elas destaca-se evidentemente a função poética ou fantástica, em que J. R. M. logra a supra-realidade através de reações e momentos psicológicos de suas personagens, revelando um outro mundo poético, misterioso, raiando as vezes o irreal; a função expressiva ou emotiva concomitantemente se depreende da extroversão da sensibilidade apurada das personagens que emitem sentimentos e emoções derivados da estranheza, do misterio que a "vida" provoca nas tais situações grajajosas e irrepetíveis no ser. A função metaínguística ou translingüística também realiza-se na linguagem dos contos, já que há um mesmo código entre as personagens; e que não há é o entendimento ao longo da vida, pois como afirmamos muitos fatos permanecem numa área sombria e indecifrável. É o que ocorre na primeira narrativa, "Enigma" em que a personagem principal da história adquire um pequeno corte numa casa de antigüidades e misteriosamente isto vem causar-lhe a morte em condições trágicas, embora com certa dose de humor. E aqui surge outro elemento importante no processo de criação dos contos: ao lado do poético e do trágico aparecem com grande destaque a ironia, o humor, constituindo mais um atrativo a estas histórias em si já tão atraentes.

Em síntese e conclusão, pelo que expusemos, não só no tocante ao conteúdo mas também no respeitante aos expedientes técnicos, este breve volume de contos revela-se cheio de qualidades e constitui o que de melhor tem produzido J. R. M.

João Décio — Fac. Fil. de Marília.

ESCARPIT, ROBERT — **PARAMÉMOIRES D'UN GAULOIS** — Flammarion, Paris, 19568.

A Flammarion publicou no terceiro trimestre do ano passado, o último livro de Robert Escarpit, *Paramémoires d'un gaulois*. Considerado antes de mais nada como um humorista e sem deixar de sê-lo é também ou autor de *Sainte Lystrade* (1962), *Le Littéron* (1964), *Honorius, Pape* (1967), romances que entre outras qualidades possuem a de serem excelentes documentários do momento em que vivemos. *Paramémoires d'un gaulois* segue uma trilha diferente pois é o resultado de um impulso que surge em muitos franceses, o de explicar-se. Juntamente com Montaigne, Rousseau, Gide, Simone de Beauvoir, Mauraux, Escarpit parece tornar definitivo que o eu não é detestável. *Paramémoires d'un gaulois* é o eu de Escarpit, eu cujo valor consiste em ser algo de muito representativo do homem do século XX, em ser um puro francês convicto e principalmente em ser ele mesmo, Robert Escarpit, na medida em que a sinceridade é possível na obra de memórias. Será difícil encontrar noutro escritor o interesse que Robert Escarpit possui em relação aos objetos e situações de hoje. É como se ele quizesse gravar o seu momento, apegando-se para isso à matéria ou ao espírito hodiernos. Talvez por isso falar longamente sobre a sua caneta ou a sua máquina de escrever, fixar o gosto dos comuns dos mortais pelas histórias patéticas, vividas, divertidas, apresentadas pela televisão ou pelo cinema lhe seja tão importante como abordar o problema da posição política ou da aceitação das mudanças ocorridas em nossos dias. Em se tratando de mudança, de inovação, de moderno, Escarpit é um entusiasta. Não se afasta entretanto de suas raízes que ele sabe exatamente onde estão e há quanto tempo. A par desta incrível capacidade que deve ser atávica, de captar as diferenças entre os habitantes de Saint-Macaire e os de Toulenne, povoados separados um do outro por dois enor-

mes quilômetros, nada mais puramente francês que a sua faceta de gastrônomo. Observações aqui e ali, marcam o seu conhecimento do assunto, mas realmente extraordinárias são as páginas que descrevem com vagar e mesmo religiosidade o almôço de Páscoa na casa de seus avós. Se estas páginas não estivessem assinadas, se não fosse conhecida a nacionalidade de seu autor, o prazer e o orgulho que se desprendem da evocação das nuances da boa mesa, bastariam para revelar que a mão que escreve é a de um francês do sul. E eis que certas frases a lhe descreverem o físico, a sutileza de sua percepção dos perfumes e cheiros, as confissões dos anseios de escritor, o reconhecimento de uma estagnação como universitário, uma queixa muito sentida contra pessoas de um determinado povo, algum toque de humor *gaulois*, outro da ironia voltariana que lhe é própria, muitas asserções bilhantes, vêr desenhá-lo nitidamente e fazer com que surja inconfundível.

Cecília Teixeira de Oliveira

* * *

TACCA, OSCAR. **LA HISTORIA LITERARIA**, Gredor, Madrid, 1968. . . .

O senhor Oscar Tacca é professor de Literatura na Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional del Nordeste. Seu livro é deveras oportuno pois aborda esta interessante questão que é a História literária. O assunto é apresentado em quatro capítulos: *Cuestiones de Principio, Cuestiones de Método, La Historia de la Literatura Contemporánea, Arte e Historia*. O primeiro capítulo responde à pergunta: é possível fazer história de Arte e Literatura? O segundo esclarece quanto à ordenação e à classificação da vasta produção literária. O terceiro se atém à História contemporânea e a seus problemas. O quarto, da questão hoje tão discutida: a maneira de entender, de aceitar, de interpretar uma obra literária. As principais qualidades do livro são o poder de síntese e a clareza na construção o que fazem dêle, juntamente com o apêndice bibliog-

gráfico que apresentado no excelente sistema europeu, uma obra de fácil e útil consulta, além de constituir uma abertura de caminhos. A obra cumpre assim, aquilo que o autor pretendeu ao fazer sua uma frase de Umberto Eco:

"desenvolver um problema não quer dizer resolvê-lo, mas pode significar um esclarecimento que permita uma discussão mais profunda".

Cecília Teixeira de Oliveira